



DOSSIÊ

Práticas corporais e vida urbana na cidade do Rio de Janeiro

Construção do Maracanã, 1950. Fundo Secretaria Geral de Viação e Obras, AGCRJ.

Apresentação

As práticas corporais habitam o coração da cidade do Rio de Janeiro. Das práticas esportivas espetacularizadas às cotidianas, os esportes fazem parte do dia a dia dos cidadãos do Rio de Janeiro.

Dizendo de outra forma, as práticas corporais coloreem a paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro – um Fla-Flu no Maracanã, uma partida de baseball no Aterro do Flamengo ou um simples jogo de frescobol na praia de Copacabana. Tal como o crescimento das cidades, a gênese das práticas esportivas são um fato indissociável do alvorecer da modernidade. Neste aspecto, foram os tempos modernos que introduziram na vida urbana uma série de novas práticas e hábitos culturais, entre eles, a cultura de valorização do físico, da masculinidade e do culto ao corpo. Não obstante, diferentes sujeitos da cidade do Rio de Janeiro adequaram esse ideário da modernidade às suas próprias experiências, imprimindo nas práticas corporais significados plurais. Este dossiê da *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro* trata da relação entre práticas corporais, espaços públicos e vida urbana na cidade do Rio de Janeiro. Com uma nova geração de historiadores do esporte, o dossiê abarca uma série de temas.

Embora o quadro esteja se modificando lentamente, a história do esporte no Rio de Janeiro ainda é contada sob uma perspectiva masculina. Outras matrizes esportivas, como aquelas praticadas pelas pessoas com deficiência, praticados por mulheres e minorias LGBTQ+ ainda estão ausentes da narrativa dominante da história do esporte no Brasil. O problema é agravado porque, quando essas narrativas aparecem, elas são apresentadas como

um apêndice ou uma nota de rodapé, não compondo o quadro amplo e geral. Esse Dossiê, que reflete o estado da arte do campo, conta com o artigo de Aira Bonfim que trata do futebol praticado por mulheres. Mestre em história pela FGV, Aira Bonfim é também a única autora mulher desta coletânea. Neste sentido, a escolha do texto para abrir o Dossiê não é ingênua, ao contrário, pretende dar visibilidade a história do futebol praticado por mulheres. O texto possui méritos indiscutíveis: um dos principais é olhar para um período pouco conhecido pela historiografia, o futebol de mulheres nos anos 1920. Boa parte da literatura sobre futebol praticado por mulheres concentrou seus estudos na década de 1930, tomando o decreto estado-novista que proibiu a prática do futebol por mulheres como ponto de partida. Mas, e o que existia anteriormente? Escovando a história do futebol a contrapelo, Aira Bonfim nos mostra a diversidade de práticas e a riqueza do futebol suburbano praticado por mulheres.

No texto a seguir, o professor de história da Universidade Federal Fluminense, Renato Soares Coutinho, escreve sobre a queda das arquibancadas do estádio de São Cristóvão em 1943. O evento aqui é tomado não como acontecimento singular, mas como um lugar para observação das tensões existentes no futebol carioca da década de 1940. O interesse crescente do público pelas partidas contrastava com a precariedade dos equipamentos esportivos e das condições materiais para a prática do jogo. Renato Coutinho demonstra, então, como aquele episódio foi crucial para a formação do consenso em torno da necessidade de construção de um Estádio Municipal no Rio de Janeiro, algo que se concretizaria em 1950, com o Maracanã.

Na sequência, Fausto Amaro, doutor em comunicação pela UERJ, traz um artigo sobre uma temática pouco explorada pela literatura: a relação entre o Brasil e o movimento olímpico internacional. Fausto Amaro observa como, após um promissor início em 1920, os atletas brasileiros acabaram se afastando do movimento olímpico. Na década de 1930, com a ascensão do varguismo e o maior interesse da crônica pelos Jogos, os atletas e a imprensa mobilizaram a opinião pública para auferir recursos necessários para participar dos jogos em Los Angeles, 1932. Numa história, que se tornaria anedótica nos anos subsequentes, os atletas brasileiros precisaram vender sacas de café a bordo de um navio a vapor – o Itaquicê – a fim de garantir os recursos necessários para o custeio de suas próprias viagens.

Doutorando em história pela Universidade de São Paulo, Victor Ramalho nos conta uma história pouco conhecida: o rugby na cidade do Rio de Janeiro. Victor Ramalho chama atenção para a centralidade de Niterói como

polo de produção do rugby no Rio de Janeiro. Mostra, nesse sentido, a evolução da prática esportiva na cidade desde o século XIX. De início, mais restrita, limitada a participação de estrangeiros, o rugby foi ganhando o público brasileiro nos anos 1970 e, mais recentemente, nos anos 2000, com o ingresso da modalidade no movimento olímpico, sua posição solidificou-se.

Doutor em História pela UFRJ, Eduardo Souza Gomes faz uma comparação entre a recepção das exposições internacionais na cidade do Rio de Janeiro e na Colômbia. Nos dois casos, as exposições estiveram intimamente conectadas a eventos esportivos. O artigo traz, neste sentido, uma contribuição sobre a construção da modernidade e da urbanidade latino-americana.

O doutor em educação pela UFRJ Carlus Augustus Jourand Correia e o professor da Faculdade de Educação da UFRJ Antonio Jorge Soares escrevem sobre a relação entre raça, nacionalidade, esporte e identidade na obra de Lima Barreto. Se, para as elites brasileiras, o futebol era uma espécie de símbolo da modernidade; Lima Barreto recusava o jogo assim como recusava a “modernidade excludente” que vigorou durante toda a Primeira República. Correa e Soares nos mostram como o ódio de Lima Barreto ao futebol confundia-se com sua ojeriza a Primeira República.

Se Lima Barreto foi chamado de “o historiador dos subúrbios”, o doutorando em história, Glauco Souza recupera a história do futebol nos subúrbios do Rio de Janeiro em uma visão “suburbana sobre os subúrbios”. Suburbio aqui, bem entendido, é uma noção tanto simbólica quanto espacial: o subúrbio – escreve Glauco Souza – é o espaço de moradia das classes proletárias, removidas do centro urbano no processo da urbanização levado adiante por Pereira Passos. O artigo de Glauco Souza, neste sentido, traz a visão dos suburbanos sobre os esportes, mostrando como estes grupos foram capazes de ressignificar a prática dos esportes, do futebol, em particular.

Para finalizar o dossiê, o artigo de minha autoria, faz uma discussão sobre estatutaria dos clubes e os presidentes de futebol. No texto examino por qual razão dois presidentes de clube – Arnaldo Guinle e Gilberto Cardoso – foram convertidos em estátuas nos clubes do Flamengo e do Fluminense. A relação, neste sentido, analiso a relação entre estilos de gestão, identidade clubística e construção de monumentos.

Desejo a todos uma boa leitura!

LUIZ GUILHERME BURLAMAQUI

Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e professor do Instituto Federal de Brasília.